



FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA E O ENSINO DA HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E INDÍGENA NA RC/UGF

Paulo Maciel Cordeiro Martins¹ / Universidade Federal de Goiás- Regional Catalão,
paulo.maciel.martins@gmail.com.

Luiz Carlos do Carmo² / Universidade Federal de Goiás- Regional Catalão,
lzcarmo.lz@gmail.com.

Universidade Federal de Goiás- Regional Catalão / Agência Financiadora: FAPEG-
Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás / paulo.maciel.martins@gmail.com,
lzcarmo.lz@gmail.com.

TRAINING OF TEACHERS OF PHYSICAL EDUCATION AND THE TEACHING OF HISTORY AND AFRO-BRAZILIAN AND INDIGENOUS CULTURE IN RC / UFG

Resumo

Torna se cada vez mais premente a realização de estudos e práticas pedagógicas que abordem a questão do trato dos conhecimentos relativos à História e Cultura Afro-Brasileira e indígena nas disciplinas do currículo escolar. A Educação Física enquanto componente curricular se coloca no campo dessa demanda metodológica. Problematizamos as inquietações e dificuldades dos professores em formação que, na tentativa de abordar o tema nas aulas de Educação Física encontram resistência e dificuldades pedagógicas. Buscando entender melhor as nuances que permeiam tais inquietações recorremos a Marc Bloch que nos convida a direcionarmos nosso olhar para o passado buscando resoluções para explicar inquietações do presente (BLOCH,2001). Visualizamos um percurso histórico da Educação Física, em especial no século XIX, no qual a mesma foi fortemente utilizada por instituições militares e médicas com o objetivo de disciplinar o corpo, visando uma compreensão voltada para saúde revestida de adestramento/mecanização do corpo historicamente (SALES; ALMEIDA, 2015). Apresentamos a sistematização inicial de uma pesquisa a ser feita sobre a dinâmica curricular do curso de Educação Física da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão (RC-UFG), no âmbito de Disciplinas, Projetos de extensão e pesquisa, Movimento Estudantil/Centro Acadêmico do curso de Educação Física (CAEF), buscando reconhecer seus sentidos e significados na formação de professores referente à apreensão dos conhecimentos da história e cultura afro-brasileira e indígena frente as

¹ Graduado em Educação Física pela Universidade Federal de Goiás- Regional Catalão e Mestrando no Programa de Pós-Graduação Profissional em História na Universidade Federal de Goiás- Regional Catalão (RC/UFG)

² Professor Doutor do departamento de História e Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás- Regional Catalão (RC/UFG).



VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS
VI SEMINÁRIO DO PIBID
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18

FORTALEZA - CE

demandas da lei nº 11.645 de 10 de março de 2008, que vem alterar a Lei nº 9.394 estabelecendo as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. No processo de investigação nos debruçaremos sobre fontes documentais, como: o PPC (Projeto Pedagógico de Curso) do Curso de Educação Física RC/UFG bem como sobre fontes de dados construídas no trabalho de campo, por meio de entrevistas semi estruturadas, com os docentes e discentes do curso de Licenciatura em Educação Física da RC/UFG. Para delinear experimentos pedagógicos que evidenciam nuances do processo de formação nas licenciaturas no âmbito do trato com conteúdo relativos à “História e cultura afro brasileira e indígena”, expõe se a narrativa de experiências pedagógicas ocorridas no PIBID no ano de 2016 com o Maculelê, que demonstram formas de se trabalhar essa temática na interface com a cultura corporal de movimento dentro das aulas de Educação Física nas escolas públicas de Catalão-GO. Partindo desses pressupostos, pensar e refletir acerca da formação de professores é um dos passos fundamentais para legitimar o espaço das aulas de Educação Física como um ambiente de fortalecimento da valorização étnico-racial na escola visando uma sociedade mais igualitária e justa.

Palavras-chave: Formação, Educação Física, étnico-racial, PIBID.

Abstract

It is becoming more and more urgent to carry out studies and pedagogical practices that address the issue of the treatment of knowledge related to Afro-Brazilian and Indian History and Culture in the disciplines of the school curriculum. Physical Education as a curricular component is placed in the field of this methodological demand. We problematize the worries and difficulties of the teachers in formation who, in trying to approach the theme in the classes of Physical Education, find resistance and pedagogical difficulties. In order to better understand the nuances that permeate such concerns, we appeal to Marc Bloch who invites us to turn our gaze to the past, seeking resolutions to explain the concerns of the present (BLOCH, 2001). We have visualized a historical course of Physical Education, especially in the nineteenth century, in which it was strongly used by military and medical institutions with the objective of disciplining the body, aiming at a health-oriented understanding that was traditionally trained / mechanized ((SALES;



VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS
VI SEMINÁRIO DO PIBID
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18

FORTALEZA - CE

ALMEIDA, 2015). We present the initial systematization of a research to be done on the curricular dynamics of the Physical Education course of the Federal University of Goiás - Regional Catalão (RC-UFG), in the scope of Disciplines, Extension and Research projects, Student Movement / Academic Center of Physical Education (CAEF), seeking to recognize their meanings and meanings in teacher training regarding the apprehension of the knowledge of Afro-Brazilian and indigenous history and culture in the face of the demands of Law 11.645 of March 10, 2008, which changes the Law No. 9,394, establishing the guidelines and bases of national education, to include in the official curriculum of the education system the obligatory nature of the "Afro-Brazilian and Indigenous History and Culture". In the research process, we will focus on documentary sources such as the PPC (Pedagogical Course Project) of the Physical Education Course RC / UFG as well as on data sources constructed in the field work, through semi-structured interviews with the teachers and students of the Licentiate course in Physical Education of RC / UFG. In order to delineate pedagogical experiments that show nuances of the training process in undergraduate degrees within the scope of content dealing with "Afro-Brazilian and Indian history and culture", the narrative of pedagogical experiences occurred in PIBID in 2016 with Maculelê, demonstrate ways of working this theme in the interface with the body culture of movement within the Physical Education classes in public schools in Catalão-GO. Based on these assumptions, thinking and reflecting on teacher education is one of the fundamental steps to legitimize the space of Physical Education classes as an environment of strengthening ethnic-racial value in the school, aiming at a more egalitarian and just society.

Key words: Formation, Physical Education, ethnic-racial, PIBID.

APRESENTAÇÃO

Torna se cada vez mais premente a realização de estudos e práticas pedagógicas que abordem a questão do trato dos conhecimentos relativos à História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena nas disciplinas do currículo escolar. A Educação Física enquanto componente curricular, que deve tratar metodologicamente dos conteúdos da cultura corporal de movimento, se coloca no campo dessa demanda de experiências pedagógicas e investigativas com esse eixo temático/transversal na escola.



Apresentamos a sistematização inicial de uma pesquisa sobre a dinâmica curricular do curso de Educação Física da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão, debatendo sobre as possibilidades e dificuldades na formação de professores sobre a história afro-brasileira e indígena frente as demandas da lei 10.639/03 bem como a 11.645/08 que regulamentam a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena” na educação básica. Como exemplo de materialização pedagógica desse eixo temático em articulação com área da Educação Física na escola, apresentamos um relato de experiência teórico-metodológico com o conteúdo Maculelê nas aulas de Educação Física através de intervenções no PIBID no ano de 2013.

PROBLEMATIZANDO AS QUESTÕES ETNICO-RACIAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Temos como principal problemática as inquietações e dificuldades dos professores em formação que, na tentativa de abordar o tema da cultura afro-brasileira e indígena nas aulas de Educação Física, vivenciam ocasiões de preconceito e discriminação para com essas práticas culturais. Assim, como nos relata uma ex-integrante do PIBID (Programa Institucional de Iniciação à Docência) da RC/UFG em seu TCC (Trabalho de conclusão de curso) defendido em 2014, ao refletir sobre o momento de uma intervenção no ano de 2013 em uma escola de tempo integral situada na cidade de Catalão-GO:

Em alguns momentos houve dificuldades que implicaram na forma de se trabalhar com os alunos, que às vezes impõe uma certa rejeição discriminatória para com o conteúdo. Rejeição essa que é presente na sociedade por ter um preconceito relativo ao racismo e a diversidade racial, apontada pela superioridade racial historicamente posta pela raça branca. Tais problemáticas nos remetem a pensarmos que essa é uma prática pedagógica desafiadora e complexa, porém de grande importância para a formação do aluno (MARTINS, 2014, p. 15).

Nesse relato fica evidente as preocupações que envolvem essa temática na escola. O olhar dos alunos que é o mesmo discurso reproduzido e representado pela sociedade em relação a esse conteúdo, se trata de uma concepção genérica e elementar de pensamento humano sobre as diferentes manifestações afro-brasileiras e indígenas que, na perspectiva de Rüsen (2001) carecem de cientificidade para serem melhor entendidas objetivando uma compreensão histórica sobre o fato. Ressaltamos também na fala da



professora a identificação da origem do problema que é a imposição ideológica de uma suposta superioridade branca historicamente constituída que alimenta um discurso preconceituoso e racista, impedindo o desenvolvimento de ações afirmativas de valorização negra e indígena nas escolas e também nas aulas de Educação Física.

Buscando entender melhor as nuances que permeiam tais inquietações recorreremos a Marc Bloch que nos convida a direcionarmos nosso olhar para o passado buscando resoluções para explicar inquietações do presente (BLOCH,2001). Buscando fazer uma análise histórica de como a Educação Física se coloca historicamente acerca da temática, percebemos que, em alguns momento, a Educação Física foi fortemente utilizada por instituições militares e médicas com o objetivo de disciplinar o corpo, visando uma compreensão voltada para saúde revestida de adestramento/mecanização do corpo. Segundo essa perspectiva, a Educação Física no século XIX, teve como intenção mudar os hábitos de higiene e disseminar preconceitos de raça nas populações. “Além disso, por decorrência do grande número de escravos negros no país, a educação física esteve associada à educação sexual, na qual as pessoas eram responsabilizadas em manter a ‘pureza’ e a ‘qualidade’ da raça branca caracterizando a eugenia³. (SALES; ALMEIDA, 2015) Essa parte da história demonstra como os estereótipos sobre o corpo e raça estavam intimamente ligados ao percurso histórico da Educação Física em comum ideário a um pensamento dominante daquele momento. Essa concepção de pensamento contribuiu na propagação da “supremacia branca” incorporada à introdução no Brasil dos métodos ginásticos Europeus, em especial o sueco e o francês em meados dos anos 30 do século XX. Nesse período, aconteceu a inserção da Educação Física na escola reforçando os ideários do corpo mecânico e disciplinado, e da supremacia branca na aptidão física. (SALES; ALMEIDA, 2015)

Entender as aflições provocadas pelas necessidades de formar professores cientes e convictos da importância de se tratar pedagogicamente os conteúdos relacionados a cultura afro-brasileira e indígena na escola de hoje, perpassa pelo papel de refletir sobre o passado histórico da Educação Física que, assim como percebemos, acabou sendo utilizada para reforçar um modelo de “supremacia branca”. Sendo assim, o tratamento histórico visa buscar resoluções de problemas ainda presentes nas aulas de Educação

³ A eugenia é uma ação que visa o melhoramento genético da raça humana, utilizando-se para tanto de esterilização de deficientes, exames pré-nupciais e proibição de casamentos consanguíneos. (SALES; ALMEIDA, 2015)



VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS
VI SEMINÁRIO DO PIBID
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18

FORTALEZA - CE

Física que provocam uma necessidade premente em formar professores capacitados e conscientes em lidar com essa temática na escola. Vale aqui conceituar o termo “consciente” que segundo a nossa perspectiva abordada se aproxima da conceituação de consciência histórica definido por Rüsen (2001) que diz que a consciência histórica se trata de uma “[...] soma das operações mentais com as quais os homens interpretam sua experiência da evolução temporal de seu mundo e de si mesmos, de forma tal que possam orientar, intencionalmente, sua vida prática no tempo”. Portanto, entendemos que o papel do professor de Educação Física é construir seu próprio sentido histórico de orientação no tempo, problematizando pontos como o racismo, buscando a reflexão no campo dos valores sobre as questões de desigualdade raciais na sociedade.

As discussões que envolvem reflexões sobre os espaços físicos e materiais, as condições para a articulação ensino-pesquisa e extensão, as questões curriculares oportunizadas ao professor em formação nas licenciaturas estão presentes em alguma medida no âmbito acadêmico. Neste contexto, iniciativas mais concretas para a educação étnico-racial e de valorização a diversidade cultural devem estar mais presentes nos cursos de formação de professores, pois tem se reconhecido a necessidade de se construir estratégias pedagógicas que deem conta das situações problemas na escola, as quais demandam um professor que saiba de forma crítica e reflexiva mediar conflitos e garantir formação cultural. Neste sentido Gomes (2005) nos diz, que ações afirmativas antirracistas para serem realmente efetivadas devem ser exercidas no campo dos valores, em busca de uma formação de valorização a diversidade. Segundo essa autora, a capacitação necessária para que o professor saiba ter uma postura ativa em situações de racismo ou qualquer outro tipo de discriminação, por exemplo, demanda que o educador tenha convicção de saberes constituintes das relações humanas e que tenha condições de entender que o ambiente educacional também é formado por dimensões como a ética, a diversidade, as diferentes identidades, a sexualidade, a cultura, as relações raciais, entre outras.

As especificidades no trato desse conteúdo provocam dificuldades didáticas, metodológicas, conceituais, estruturais em sua execução pedagógica, condicionando o professor a desistir de trabalhar ou mesmo trabalhá-lo de forma insignificante sem o trato necessário em prol de fins antirracistas. Segundo Américo (2014) existe necessidades primordiais que devem ser pensadas na abordagem desse conteúdo, segundo o autor:



VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS
VI SEMINÁRIO DO PIBID
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18

FORTALEZA - CE

[...] a necessidade de desenvolver práticas educativas que não tenham, como ponto de partida, o modelo etnocêntrico europeu, pois este modelo pode levar a reproduzir inconscientemente o preconceito em sala de aula ao não trabalhar (ou fazê-lo de maneira equivocada e simplista) com nossos alunos a História da África [e indígena] e as contribuições da população negra [e indígena] na formação da nacionalidade brasileira (ÁMERICO, 2014, p.533).

Ações de qualidade em prol de uma política antirracista que tenha o professor como mediador dessa empreitada no espaço escolar, necessitam que esse professor possa ter um ambiente de formação voltado para esse objetivo. Quando se fala de um ambiente propício, estamos falando de ações antirracistas que preenchem a formação de professores no âmbito da articulação ensino, pesquisa e extensão. Iniciativas concretas que contemplem com qualidade esses espaços podem ser o caminho a trilhar para uma real educação antirracista. Em linhas gerais, não será somente uma disciplina específica no currículo que eliminará todos os problemas e deficiências na formação de professores nas licenciaturas. Deve haver uma mudança em todo o contexto da IES (Instituição de Ensino Superior), em sua gestão, no Projeto Pedagógico e curricular das licenciaturas, bem como dos outros cursos de graduação e pós-graduação; deve haver, especialmente, de forma articulada e interdisciplinar, um corpo docente qualificado, com estrutura condizente, metodologias direcionadas, espaços extracurriculares, abordando o tema, entre outros. Assim como nos orienta o documento do Ministério da Educação elaborado pela Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade que tem como título “Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais” (2006).

A inserção das diretrizes nas IES precisa refletir-se nos diferentes espaços institucionais e não apenas na matriz curricular de alguns cursos. A inserção coerente e comprometida verdadeiramente com o combate a todas as formas de preconceito e discriminação dá-se nos diferentes espaços por onde circula toda a comunidade acadêmica ou não, negra e não-negra (ME/ SECAD, 2006, p.130).

Esse documento desenvolveu orientações normativas que preveem determinadas ações para que as IES possam estar compromissadas com a formação docente antirracista de qualidade, a partir das informações contidos no Parecer CNE/CP 3/2004 (BRASIL, 2004). Em seu artigo 1º da Resolução afirma que as Diretrizes Curriculares



VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS
VI SEMINÁRIO DO PIBID
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18
FORTALEZA - CE

Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana [e indígena] devem ser observadas, em especial, por instituições que desenvolvem programas de formação inicial e continuada de professores.

Sendo assim, identificamos o quanto as IES necessitam se adequar para criarmos verdadeiras iniciativas que possam efetivar um trabalho que dê conta de formar professores primeiramente cientes da importância de abordar os conteúdos afro-brasileiros e indígenas nas aulas de Educação Física para legitimar a luta contra o racismo e a discriminação racial.

OBEJTIVOS, METODOLOGIA E DINÂMICA DA PESQUISA

Como vimos, estudos e discussões desse campo temático têm reconhecido as dificuldades de efetivação da Lei nº 10.639/03, aprovada em 9 de janeiro de 2003, que altera a Lei de Diretrizes e Bases (LDB - Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996), instituindo a obrigatoriedade do ensino da história e cultura africana e afro-brasileira nas disciplinas da Educação Básica, e logo depois, temos outra conquista resultante de reivindicações de movimentos sociais, em especial do movimento indígena, temos a aprovação da lei 11.645 de 10 de março de 2008, que vem alterar também a Lei nº 9.394 estabelecendo as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino, a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”, portanto, incluindo também a necessidade de trato das temáticas sobre as populações indígenas nas escolas.

Nessa perspectiva, objetivamos retratar experiências da dinâmica curricular do curso de licenciatura em Educação Física da RC/UFG, no âmbito de Disciplinas, Projetos de extensão e pesquisa, Movimento Estudantil/Centro Acadêmico do curso de Educação Física (CAEF), buscando reconhecer seus sentidos e significados na formação de professores referente à apreensão dos conhecimentos da história e cultura afro-brasileira e indígena.

Em consonância, traçamos os seguintes objetivos específicos: a) Levantar e analisar junto aos professores e alunos/as (docentes e discentes) do curso de Licenciatura em Educação Física da RC/UFG, os sentidos e significados de narrativas acerca do percurso de experiências curriculares com os conteúdos relativos à história e



cultura afro-brasileira e indígena; b) Reconhecer a percepção dos professores e alunos sobre as dificuldades e possibilidades da realização das políticas educacionais e curriculares referentes à questão da diversidade e relações étnico-raciais, em especial a lei 10.639/03 e a 11.645/08, no contexto curricular do curso de licenciatura em Educação Física da RC/UFG e da Educação Física nas escolas; c) Desenvolver uma análise curricular do PPC(projeto pedagógico do curso) da RC/UFG e confrontá-lo com currículos de outras universidades brasileiras a nível nacional.

Para viabilizarmos esses objetivos da investigação, realizaremos uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório⁴. No processo de investigação nos debruçaremos sobre fontes documentais, como: o PPC (Projeto Pedagógico de Curso) do Curso de Educação Física RC/UFG bem como sobre fontes de dados construídas no trabalho de campo, por meio de entrevistas semi estruturadas, com os docentes e discentes do curso de Licenciatura em Educação Física da RC/UFG. Realizaremos uma amostragem com os docentes estabelecendo como critério selecionar os/as professores/as que são coordenadores/as de espaços formativos como projetos de extensão e cultura e PIBID da licenciatura em EF da RC/UFG. Com os estudantes a perspectiva será definir uma amostragem com alunos do último período (8º período), selecionando três (3) estudante a partir dos seguintes critérios: 1- Participação como bolsistas de Iniciação à docência no PIBID; 2- Participação em projetos de extensão e cultura; 3- Participação no movimento estudantil. Além disso, buscaremos identificar um (1) estudante que não estejam necessariamente vinculado aos critérios dos espaços curriculares e PIBID.

O programa PIBID está vinculado diretamente com essa pesquisa, pois constitui se como campo de investigação, já que o programa proporciona espaços com discussões, leituras, oficinas de formação referente ao conteúdo investigado. Dessa forma o PIBID carrega elementos enriquecedores que compõem o objeto de estudo empírico desta investigação. Para delinear experimentos pedagógicos que evidenciam nuances do processo de formação nas licenciaturas no âmbito do trato com conteúdos relativos à “História e cultura afro brasileira e indígena”, expõe se a narrativa de experiências ocorridas no PIBID, que demonstram formas de se trabalhar essa temática na interface

⁴ GIL (2008, p.27) esclarece que à pesquisa exploratória visa: “[...] desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos e hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”.



com a cultura corporal de movimento dentro das aulas de Educação Física nas escolas públicas de Catalão-GO.

RESULTADOS QUE DELINEIAM EXEMPLOS DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS COM AS QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

A discussão no campo teórico sempre proporciona debates e discussões acadêmicas importantes para formação de professores, porém a dificuldade em materializar o conteúdo em nossas práticas pedagógicas se torna complexa, em especial quando se trata dessa temática que nos impõe uma necessidade latente em ser trabalhada na escola. Portanto, buscamos expor aqui uma experiência que o coletivo PIBID realizou no ano de 2013, com os conteúdos afro-brasileiros e indígena, em uma escola de tempo integral do Estado de Goiás chamada Madre Natividade em Catalão-GO. O contexto pelo qual estávamos imersos se caracterizava por violência e barbárie por parte dos alunos, à disciplina de Educação Física não existia e o PIBID atuava em um “projeto de práticas esportivas”, além de problematizarmos o modelo esportivista desse projeto, exaltamos o trato com todos os conteúdos da cultura corporal de movimento e a experiência independentemente da limitação esportiva exteriorizada pela gestão escolar. Naquela ocasião tínhamos como público-alvo alunos do primeiro, segundo e terceiro anos do Ensino Fundamental, e propusemos trabalhar com o Maculelê⁵ que é tratado como dança/jogo/luta de matriz afro-brasileira e indígena que se caracteriza por ser jogado/dançado/lutado com dois bastões (esgrimas) de madeira, um em cada mão. Esses bastões são responsáveis por ditar o ritmo e a percussão desse tipo de manifestação, em que a mesma se baseia também em uma lenda que conta a história de um negro chamado Maculelê. Essa experiência se realiza com o trato metodológico de uma manifestação cultural inserida atualmente nos rituais da Capoeira e demarcada com potencial de Patrimônio Imaterial da Humanidade. Esta dança/jogo/luta de matriz afro-brasileira e indígena coloca-se como expressão de interação social, que vem tratada pelo

⁵ Maculelê é uma manifestação cultural oriunda da cidade de Santo Amaro da Purificação – Bahia. É, atualmente, uma expressão teatral que conta, através da dança e dos cânticos, a lenda de um jovem guerreiro, que sozinho conseguiu defender sua tribo de outra tribo rival usando apenas dois pedaços de pau, tornando-se o herói da tribo. É um tipo de dança folclórica brasileira de origem afro-brasileira e indígena.

Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Maculel%C3%AA> Acessado em: 28/06/2018



coletivo PIBID, como eixo temático, que viabiliza a interface entre os conteúdos da cultura corporal: Jogos e Brincadeiras, Dança, Ginástica Geral e Lutas.

Assim, expomos a experiência metodológica de produção audiovisual, leitura, linguagem corporal e artística e vivência da cultura corporal de movimentos no trato do Maculelê enquanto expressão cultural afro-brasileira e indígena na escola. Ressaltamos o processo de formação e intervenção teórico-metodológico do coletivo PIBID, que buscou garantir um embasamento e repertório corporal e artístico para tratar dos movimentos, ritmos e letras de músicas imanentes a cultura do Maculelê e capoeira. Houve um levantamento bibliográfico com a construção e apreensão de fontes de dados acerca do universo desta manifestação cultural em livros, sites, artigos, vídeos e outras formas impressas.

No trato dos conteúdos de Jogos e Brincadeiras na transição e nexos com o de dança, que se deram os processos de ensino aprendizagem com o Maculelê. Num primeiro momento foi trabalhada a história da lenda/mito⁶ em forma de áudio visual, com aspectos literários, históricos e lúdicos acessíveis aos alunos. Nesta vivência, eles puderam exercer a experimentação da leitura escrita, da audição da narrativa da lenda/mito e da música/trilha, do reconhecimento dos personagens, da imaginação, como mediadores do acesso ao conhecimento dessa manifestação da cultura afro-indígena.

Aqui pode se afirmar que começa a ampliação da consciência histórica, a reflexão posta sobre o conto da lenda/mito exaltaram a valorização do Maculelê como conhecimento historicamente formado, ilustrando a historicidade contextual da escravidão e as injustiças desumanas com o negro naquele momento histórico, visando uma reflexão

⁶ Era uma vez um povo africano, os Cucumbi, que gostava muito de música e de uma dança guerreira com bastões, chamada makélele, palavra que no idioma quicongo significa algazarra, barulho, vozerio.

Quando vieram da África para trabalhar como escravos nos canaviais brasileiros, os Cucumbi trouxeram com eles essa herança cultural e, desde muito cedo, ensinavam aos filhos sua dança. Foi assim que, na Bahia, um casal de escravos ensinou o filho, a quem chamaram Maculelê, a dançar com bastões desde pequenino. Mas, como tinha uma doença que o deixava muito triste, aos sete anos de idade, Maculelê resolveu fugir para a floresta, onde seus pais, sem sucesso, tentaram encontrá-lo. Quem o achou foram os índios Aymoré, que o convenceram a ficar escondido na oca do pajé da aldeia deles para se curar da doença. Por muitos e muitos anos, Maculelê viveu isolado na oca do pajé, até que num dia de sol, quando os guerreiros saíram para caçar e pescar, apareceram uns indígenas rivais para atacar as mulheres e as crianças que haviam ficado na aldeia. Foi então que, num impulso, Maculelê saiu da oca e, com seus bastões de bambu, afugentou os invasores. Quando os guerreiros voltaram, agradecidos foram à oca do pajé para saudar Maculelê pela bravura. Só então soube que estava curado! Para celebrar, os Aymoré fizeram uma linda festa e pediram a ele para lhes ensinar a lutar com bastões.

Dos movimentos da luta guerreira dos bastões com os ritmos indígenas surgiu uma dança nova. Para homenagear seu herói africano, os Aymoré deram à dança o nome de Maculelê!

Fonte: <https://www.xapuri.info/mitos-e-lendas/lenda-do-maculele/> Acessado em: 28/06/2018



VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS
VI SEMINÁRIO DO PIBID
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18

FORTALEZA - CE

de orientação para vida prática com potencial para ampliação histórica sobre a importância desta cultura. Trouxe em sua narrativa a legitimação do negro como protagonista e herói, valorizou a cultura afro-indígena como espaço de produção de saber histórico e cultural. Sendo assim, podemos apontar que a metodologia empregada do coletivo PIBID de forma literal, imaginativa, lúdica ao público alvo pôde de certa forma estabelecer sentido histórico formativo para os alunos. Posteriormente, foram ensinados os elementos básicos dessa técnica corporal de movimento; inicialmente com a movimentação feita com pés, mãos e ritmos em expressão corporal junto à apreensão de letras de cantigas do universo do Maculelê e capoeira; depois foram confeccionados os bastões/esgrimas com papel jornal e fita crepe, construídos em oficina junto com os alunos. Houve a possibilidade vivência do Maculelê com todos/as alunos/as dos 3º anos da escola. A partir da realização conjunta do coletivo PIBID com a comunidade escolar da escola parceira da Festa Junina, houve a indicação de que fosse criada e apresentada uma coreografia de Maculelê. Os processos de vivência, criação e ensaio com os alunos foi repleto de dificuldades e desafios, por conta do contexto de desregramento e violência na escola. Cabe ressaltar que foi uma vivência de realização e superação para os Pibidianos e alunos da escola.

Em nossa avaliação essa intervenção foi de grande importância para os alunos, pois nos momentos em que ministramos aulas do componente curricular da Educação Física abordando o tema da cultura afro-brasileira e indígena presenciou-se ocasiões de preconceito por parte dos alunos, visto que alguns apresentavam resistência para participar da prática dizendo que a dança ensinada era macumba, que logo depois se constatou a desmistificação dessa concepção e uma nova concepção de diversidade cultural, em especial no campo étnico-racial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação Física como área que trata da cultura corporal de movimento se coloca com potencial para essa empreitada através das diferentes práticas corporais elencadas ao seu principal meio de produção de ensino, o corpo. Tais afirmações são apontadas pelos autores Sales e Almeida (2015) que diz:



VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS
VI SEMINÁRIO DO PIBID
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18

FORTALEZA - CE

Atualmente, enquanto espaço das vivências corporais, a Educação Física apresenta subsídios para minimizar esse processo em razão da gama de temas que podem ser inseridos tanto nas aulas práticas como teóricas, construindo, dessa forma, um espaço de discussões sobre a diversidade racial. Dentre as dinâmicas e práticas, tomamos como exemplos a capoeira, manifestação cultural que traz as raízes e ritos de lutas e danças africanas e, também, manifestações rítmicas originárias da cultura negra como o samba-de-roda, o maculelê, o jongo, o maracatu, a dança afro, entre outras. (SALES; ALMEIDA, 2015 p. 136)

Desse modo, a Educação Física por ser uma área que age diretamente com o corpo e suas manifestações, está também trabalhando com a cultura impressa e expressa por ele, portanto, para que possamos atingir transformações na sociedade devemos saber lidar com esse corpo para que ele possa buscar a emancipação (DAOLIO, 2006 apud SOUZA, 2007 p.2). Experiências como a do Maculelê através das experiências formativas do PIBID nos proporciona uma abertura para materializarmos melhor essas estratégias de ensino para trabalhar com esse tipo de conteúdo na escola, e consequentemente atingindo seu papel social e transformador no qual devemos proporcionar na disciplina de Educação Física no campo das pedagogias críticas, preocupadas com o fortalecimento, valorização e respeito à diversidade cultural, em especial no âmbito étnico racial. Desta forma, contribuindo de forma significativa com o combate aos estados de preconceito, estigmas, racismo; enfim, colocando se contra a barbárie e violência étnico racial nas escolas e sociedade brasileira.

Sendo assim, ressaltarmos novamente a relevância dessa pesquisa como estudo pertinente e inovador, já que essa temática da história afro-brasileira e indígena vem sendo cada vez mais discutida no meio acadêmico. Justamente, pela sua relevância e significação social nos dias de hoje, pensar em formação de professores melhor qualificados é pensar em uma melhor educação, que se coloca como a base essencial para uma sociedade melhor. E a Educação Física como área de conhecimento que propõe o aprendizado através da cultura corporal de movimento pode realizar o trato desse conteúdo de forma mais atrativa e significativa para o aluno. Pois, desafia o método tradicional e hegemônico escolar, utilizando-a como principal recurso o se-movimentar crítico e reflexivo acerca dos problemas sociais encontrados, como o reconhecer a diversidade a ser aprendida pelo aluno através de atividades que se desvinculem de aulas



VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS
VI SEMINÁRIO DO PIBID
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18

FORTALEZA - CE

tradicionais, começando pelo modo e espaço de aprendizado, que se diferencia de salas de aula enfileiradas e ensino autoritário. Entendemos que esse conteúdo tem elementos que vão contribuir nessa criticidade que se pretende e se espera tanto por parte de professores em formação quanto para seus alunos. Portanto, pensar e refletir acerca da formação de professores é um dos passos fundamentais para legitimar o espaço das aulas de Educação Física como um ambiente de fortalecimento da valorização étnico-racial na escola visando uma sociedade mais igualitária e justa.

REFERÊNCIAS

AMÉRICO, M. C. **Formação de professores para a implementação da lei 10.639/2003**, Revista Poiésis, Tubarão. v.8, n.14, p. 515 a 534, Jul/Dez 2014. Acessado em 10/02/2015, Disponível em : <http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Poiesis/index>

BLOCH, M. L. B. **Apologia da história ou O ofício de historiador**. Prefácio de Jacques Le Goff. Apresentação à edição brasileira de Lilia Moritz Schwarcz. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

FERREIRA, A. C. P. **Docência, Formação e Experiências Curriculares, Pedagógicas e Metodológicas do PIBID pertinentes à Educação Física Escolar Contemporânea. Subprojeto de Licenciatura em Educação Física**. EDITAL Nº 80/2013/PIBID/UFG. Formulário de Detalhamento do Subprojeto por Área de Conhecimento. PROGRAD/UFG, 2013.

GIL, A. C. **Delineamento da pesquisa**. In _____. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, N. L. **Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182, jan./jun. 2003. Acessado em 11/02/2015 e disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ep/article/view/27905/29677>

_____. **Educação, relações étnico-racial e a Lei 10.639/03**. Acessado em 20 jul.2013. Disponível em <http://www.acordacultura.org.br/artigo-25-08-2011>



_____. **Educação e relações raciais: refletindo sobre algumas estratégias de atuação.** Superando o Racismo na escola. 2ª edição revisada: Ministério da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, Brasília, 2005.

MARTINS, A. C. **A história e cultura afro-brasileira no âmbito da cultura corporal: experiências de intervenção pedagógica do Pibid de Educação Física da RC/UFG.** 2014. Artigos e monografias do curso de Educação Física da UFG/RC, 2014.

MARTINS, P. M.C; FERREIRA, A. C. P. **Experiência metodológica com conteúdos afro-brasileiros: um trabalho com o maculelê no Pibid de Educação Física.** Anais ENALIC. 2014. Disponível em: <http://enalic2014.com.br/anais/anexos/8505.pdf>

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais.** Brasília: SECAD, 2006.

PINOTTI, M. L; **O movimento negro e a configuração da lei 10.639/03.** Anais do encontro Regional de História. Coxim-MS, 2016.

RÜSEN, J. **Razão histórica.** Brasília: Editora da UnB, 2001.

SALES, L. V; ALMEIDA, N. F. P. **Diversidade racial e educação física escolar na Revista brasileira de ciências do esporte (1979-2013).** revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 13, n. 1, p. 129-161, jan./mar. 2015.

SANTOS, A. O; **Formação de professores à luz da história e cultura afro-brasileira e africana: novos desafios para uma prática reflexiva;** Poíesis Pedagógica, v.11, n.2, p. 150-169, jul/dez, Catalão-GO, 2013.

SOARES, C. L. et al. **Metodologia do Ensino de Educação Física.** São Paulo: Cortez, 1992.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS / FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA – Comissão Curricular. Projeto Político-Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação Física, Goiânia, 2005.